

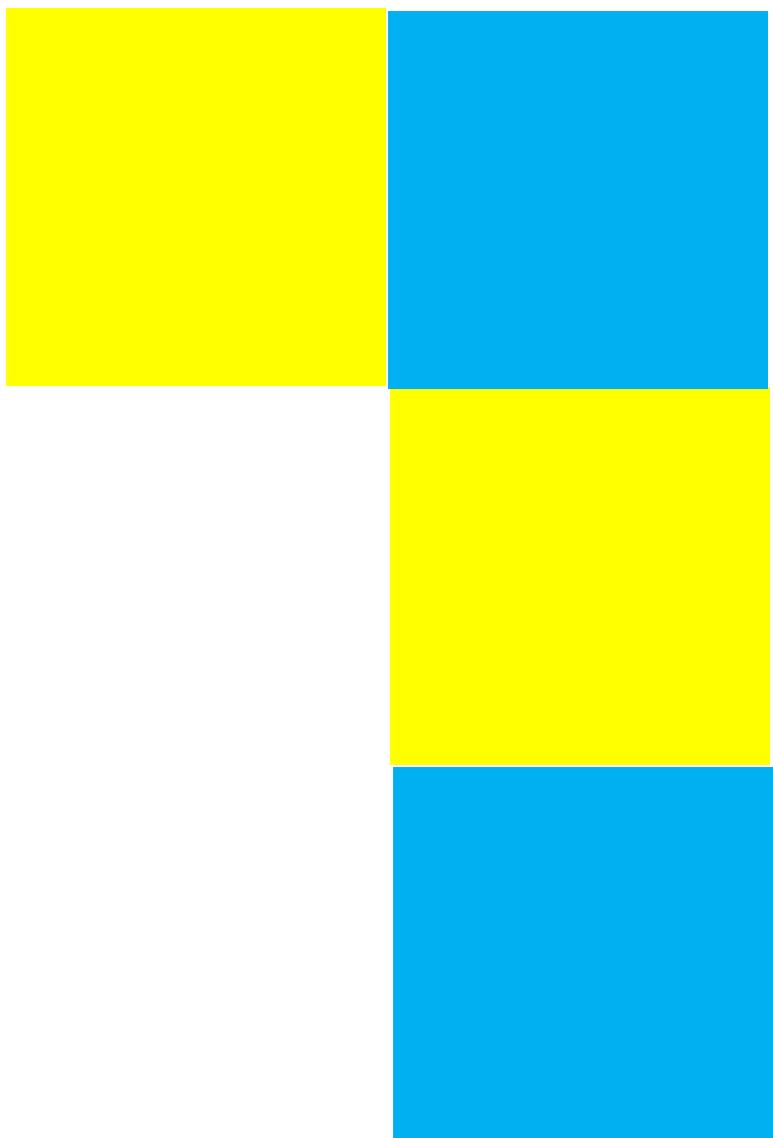
CLIQUE: Condições e estratégias no microtrabalho

Gabriel Monteiro O. Cerqueira

Psicólogo, psicanalista e aluno de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM) da Escola de Comunicação da UFRJ.

Milena Pádua e Pinheiro

Ilustradora, designer de moda e estudante de graduação do curso de antropologia da UFF



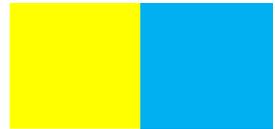
Resumo: Este artigo trata do contexto e de estratégias empregadas no microtrabalho. Em particular, abordamos o trabalho voltado para o treinamento de bancos de dados para “inteligências artificiais”, atentando para o modo como algumas daquelas estratégias podem impactar no desenvolvimento dessas tecnologias. Por fim, apresentamos trechos de duas entrevistas que foram realizadas com pessoas que trabalharam para a empresa Clickworker, fornecendo em detalhes uma descrição do objeto de investigação.

Palavras-chave: inteligência artificial; microtrabalho; filosofia.

Click: context and strategies in micro-work

Abstract: This article deals with the context and strategies employed in micro-work. In particular, we look at the work involved in training databases for "artificial intelligences", paying attention to how some of these strategies can have an impact on the development of these technologies. Finally, we present excerpts from two interviews that were conducted with people who worked for the Clickworker company, providing a detailed description of the object of investigation.

Keywords: artificial intelligence; micro-work; philosophy.



Se eu me organizo, eles me botam pra fora
O patrão não tem face, mas controla a plataforma

- Crizin da Z.O.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XX, Adorno e Horkheimer (1985) denunciaram como o lazer – sobretudo através dos programas de rádio e cinema – havia se tornado semelhante ao trabalho, assumindo o mesmo caráter mecânico e repetitivo. Hoje, vemos empresas, a fim de recrutar novos trabalhadores anunciarem que é possível ganhar dinheiro se divertindo. É um tanto irônico que, após a diversão ter assumido características semelhantes às do trabalho, o trabalho seja anunciado como meio de divertimento. Aqui, trataremos especificamente de uma dessas empresas, a Clickworker, que diz em seu site: “Não provemos apenas trabalhos de clique [*click jobs*] fáceis, mas também oferecemos tarefas interessantes e divertidas. Junte-se a nós moldando o futuro participando de pesquisas, gravações de voz e competições de fotografia para treinamento de IA [“inteligência artificial”]. O trabalho realizado na Clickworker funciona do seguinte modo: o trabalhador tem acesso à plataforma digital da empresa, onde encontra um catálogo de tarefas e um valor de remuneração que corresponde a cada uma delas; as tarefas geralmente consistem na resposta de questionários – como veremos mais tarde – e o valor da remuneração é definido pela empresa/plataforma e geralmente consiste em alguns centavos “por clique”, ou seja, por tarefa realizada. Esse tipo de trabalho tem sido chamado de ‘microtrabalho’ e definido por sua baixa complexidade, repetição e informalidade. O microtrabalho é essencial para o desenvolvimento das ditas “inteligências artificiais” e as suas condições, como buscamos evidenciar, apresentam contradições com as promessas comumente relacionadas ao desenvolvimento dessas tecnologias.

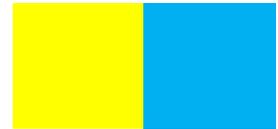
A fim de aprofundar o conhecimento acerca das condições e estratégias empregadas por trabalhadores “do clique” – expressão utilizada pelos próprios –

entrevistamos em profundidade duas pessoas, Pedro, um homem de 27 anos e Dora, uma mulher de 24¹. Ambos trabalharam para a Clickworker no período da pandemia junto a um grupo de cerca de 20 outros jovens. Algumas das características do microtrabalho no Brasil, como os horários de trabalho ajustados aos fusos do hemisfério norte (Braz, Tubaro & Casilli, 2003) e “operações paralelas”, táticas para aumentar os rendimentos com a plataforma (Braz, 2021) se mostraram presentes. O aspecto informal do trabalho mediado por plataformas se insere no contexto do que tem sido chamado de ‘uberização’, que consiste na “transferência de riscos e custos (...) para uma multidão de trabalhadores autônomos engajados e disponíveis para o trabalho” (Abílio, 2019), ou seja, não há quaisquer contrato, direito ou garantia, o que faz com que o trabalhador assumo ao mesmo tempo o papel de um “usuário” da plataforma – assim como nas plataformas voltadas para o entretenimento, como o YouTube ou a Twitch.

CONDIÇÕES E CONTEXTO DO MICROTRABALHO

Dadas as condições do microtrabalho – e do trabalho por meio de plataformas de um modo geral – cabe aos trabalhadores organizar as suas rotinas de modo a assegurar a sua renda. No entanto, essa organização não se dá de maneira livre: se por um lado a empresa Clickworker anuncia que seus trabalhadores podem fazer dinheiro “em qualquer lugar, à qualquer hora”, por outro, os horários em que as tarefas se encontram disponíveis para realização estão de acordo com o país sede da empresa – Alemanha. Assim como 9,4% dos respondentes do relatório supracitado, *Microtrabalho no Brasil*, o grupo de pessoas com o qual entramos em contato mantinha horários “trocados”, dando início à jornada por volta das 2 da manhã e encerrando entre 10 da manhã e meio dia. Junto a isso, destacamos o fato de que assim como em outras plataformas, os horários de trabalho não são fixos: o clique depende da disponibilidade e atenção quase permanentes dos trabalhadores; não se sabe quando uma tarefa vai “entrar” e nem quanto tempo se

¹ Utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.



trabalhará naquele dia. No caso da Clickworker, como as tarefas são ofertadas para uma multidão de pessoas (o que dá sentido ao termo *crowdwork*), quanto maior o número de pessoas trabalhando e quanto mais tempo a partir daquele momento, menos tarefas estarão disponíveis – e as tarefas que se tornam indisponíveis mais rápido, evidentemente, são aquelas que pagam melhor. Para os clientes, a empresa afirma “beneficie-se do poder e da criatividade de mais de 6 milhões de Clickworkers”.

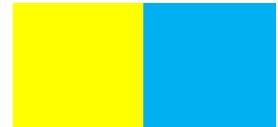
As principais tarefas realizadas pelos trabalhadores da Clickworker – e de outras empresas com as mesmas características, como a Amazon Mechanical Turk e a Appen – são de categorização e reconhecimento de imagens e vídeos, moderação de conteúdos, preenchimento de questionários, rotulagens de diversos tipos, respostas a enquetes e avaliações de resultados de pesquisas feitas em sites de busca. Essas tarefas, é evidente, estão diretamente relacionadas ao funcionamento de algoritmos que possibilitam o funcionamento da internet com a qual interagimos todos os dias: ao pesquisar imagens de ursos no Google dificilmente nos deparamos com imagens de focas, o que quer dizer que em um banco de dados de imagens contendo ursos foi preciso selecionar manualmente aquelas que eram de ursos e aquelas que não eram; ao contrário da cognição humana, que é capaz de formar um conceito a partir de uma única imagem e discriminar um dado objeto de todos os outros, os algoritmos de aprendizado de máquina tem que ser treinados indutivamente, i.e., apenas com um grande banco de dados torna-se possível discriminar com precisão certos objetos de outros – como um urso de um cachorro grande, ou um cavalo. É nesse contexto que o clique entra em jogo: uma multidão de trabalhadores que responderão, diante de uma imagem, à pergunta “isso é um urso?”.

Esse mesmo tipo de solução é necessária para que uma plataforma como o Instagram não mostre aos seus usuários conteúdo adulto: antes, foi preciso treinar manualmente um algoritmo para discriminar entre imagens que contém nudez, ou não – “Esta imagem contém nudez?”. Dado o caráter indutivo do aprendizado de máquina, um tal algoritmo pode confundir conteúdo pornográfico e obras de arte que apresentam nudez – queixa comum entre artistas que divulgam os seus trabalhos nessa rede social. O fato é que, enquanto os parâmetros humanos que decidem entre o que é conteúdo

pornográfico e o que é arte são nuançados, a máquina não pode fazer nada além de decompor uma imagem em uma matriz de dados números e verificar se ela está ou não de acordo com o que pode ser exposto na plataforma. O que queremos destacar é que por traz do funcionamento de toda “inteligência artificial” existe esse tipo de trabalho humano, seja ele remunerado, ou não.

Ora, isso vai na contramão do discurso corrente sobre máquinas “inteligentes”: elas não seriam tão inteligentes caso fosse necessária uma multidão de pessoas cujo trabalho fosse pensar *por* elas, e, somente a partir disso, elas executassem mecanicamente a tarefa para a qual foram designadas. Por “mecanicamente” não queremos dizer que as operações sejam lineares, mas recursividade (feedback) não é suficiente para que um computador possa ser considerado inteligente *como* um organismo vivo e pensante. E também, cabe lembrar, que as máquinas não adquiririam autonomia e independência a partir do momento em que estivessem devidamente treinadas – façamos o exercício mental – em tudo aquilo que o humano é capaz de conhecer: a máquina “foi feita para mover-se com a liberdade outorgada pelos construtores, nos limites das possibilidades e conveniências para as quais foi planejada” (Pinto, 2005, p. 92); e as máquinas não são pensadas para serem inteligentes – o uso do termo é puramente retórico – mas para operar em sistema econômico e político capitalista. Tomemos o seguinte dado como referência: no começo de 2023 a Microsoft anunciou que planejava investir 10 bilhões de dólares na empresa responsável pelo modelo de linguagem generativa ChatGPT – enquanto isso, esta pagava menos de dois dólares por hora para trabalhadores do clique no Quênia treinarem as suas máquinas.

Caracterizadas as tarefas realizadas no clique e destacada a pertinência desse trabalho para o momento presente do mundo, tal como a sua relativa invisibilidade ante o *marketing* que envolve o desenvolvimento de novas tecnologias, atentemos para outro aspecto do modo como a Clickworker descreve o trabalho realizado por seus “funcionários” – as aspas aqui se devem ao fato de nenhum dos trabalhadores do clique possuírem um contrato formal com a empresa. “Faça parte de uma grande comunidade”: o uso da expressão ‘comunidade’ nos chama atenção pelo fato do clique ser um trabalho



remoto e, muitas vezes, feito de casa; o termo não tem aqui o sentido de um grupo de convivas, mas o da participação de uma massa de pessoas – possivelmente anônimas. Nota-se que o caráter informal do trabalho realizado por meio de plataformas compõe um quadro político e social que parece ir na contramão da organização dos trabalhadores. A plataformização, através da arquitetura das redes informacionais, é análoga à descrição do urbanismo feita por Deboard (1997) em 1967: “o movimento geral do isolamento, que é a realidade do urbanismo, deve também conter uma reintegração controlada dos trabalhadores, segundo as necessidades planificáveis da produção e do consumo.” Isto é, o único sentido apreensível de ‘comunidade’ no discurso da plataforma é a da reunião de sujeitos isolados.

ESTRATÉGIAS E BRECHAS

Em sua pesquisa sobre plataformas de fazendas de cliques – plataformas nas quais as tarefas realizadas consistem em ações em redes sociais, como “curtir” e “compartilhar” postagens – Grohman et al.(2022) descreve a operação de um “mercado paralelo” que existe *entre* os trabalhadores. Tal mercado é “paralelo” porque está fora das plataformas de fazenda de cliques e, possivelmente, operam de modo contrário as suas diretrizes. Duas das práticas observadas pelo autor foram a venda de perfis falsos para o aumento da renda e o uso de *bots* – programas de computador desenvolvidos para realizar determinada tarefa. De modo semelhante, Braz (2021, p 134), em pesquisa netnográfica com grupos que trabalham para outras empresas como a Clickworker, conclui que

para conseguir realizar mais tarefas de forma mais rápida, com maior retorno financeiro, os trabalhadores burlam as normas estabelecidas. (...) Em um dos grupos, cada pessoa enviava o *print screen* de uma questão, e o grupo pesquisava na internet até

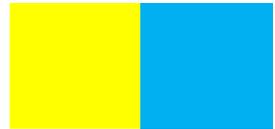
descobrir quais as respostas corretas e compartilhava uma espécie de gabarito entre os membros.

Portanto, destacam-se três estratégias distintas dos trabalhadores na lida com as plataformas: i) o uso de contas falsas; ii) o uso de robôs para a execução das tarefas; e iii) a divulgação das respostas “corretas”. Façamos o exercício de tentar extrair possíveis consequências de tais estratégias: no caso do uso de contas falsas (i), um mesmo trabalhador poderá responder duas vezes a um mesmo questionário, por exemplo; corolário disso é que as mesmas respostas – supondo que ele responda da mesma maneira nas duas vezes – terão o seu *peso* aumentado. Qual é a relevância disso? Como o *output* [a saída] gerado pelo algoritmo de aprendizado de máquina será determinado estatisticamente – ao modo “72% de respostas *x*, 16% de respostas *y* etc.” – a sua qualidade será reduzida caso as respostas erradas sejam duplicadas². Ora, não sabemos de quantas pessoas *de fato* é composta a multidão de “6 milhões de Clickworkers”, e nem qual é a *real* relevância estatística obtida através desse tipo de questionário – e isso sem considerar vieses culturais, que possivelmente se mostrariam relevantes, dado que há uma concentração de trabalhadores em países como Brasil e Índia.

No caso do uso de robôs para a resolução de tarefas (ii) a contradição é patente: um humano faz o uso de uma máquina para treinar outra máquina; os erros registrados por uma *necessariamente* serão registrados pela seguinte. Tomemos como demonstração estética dos possíveis efeitos disso a obra de arte sonora *I Am Sitting in a Room*³, do compositor estadunidense Alvin Lucier. Essa obra consiste na gravação de um pequeno texto, na gravação da sua reprodução e assim sucessivamente. O conteúdo do texto – que explica a operação realizada pelo compositor – é o seguinte: “Eu estou sentado em uma sala diferente da qual você está agora. Eu estou gravando o som da minha voz [*speaking*

² O sentido de “resposta errada” aqui é o de uma proposição cujo valor de verdade é *falso*. Por exemplo: diante da pergunta “isso é um cachorro?”, acompanhada da imagem de um gato, a resposta “sim” será falsa. No entanto, caso *todos* os trabalhadores do clique respondam “sim” para a pergunta, o *output* da máquina, caso esta opere o reconhecimento da imagem em questão, será “cachorro”.

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=peahfxDx8m8&ab_channel=SteveMinkin



voice] e eu vou reproduzi-la na sala de novo e de novo, até que as frequências ressonantes reforcem a elas mesmas e qualquer semelhança com a minha fala, talvez com a exceção do ritmo, seja destruída. (...).”

Por fim, a divulgação das respostas corretas (iii) possui um lugar privilegiado dentre as estratégias na lida com as plataformas de clique: para ter acesso a uma determinada tarefa, os trabalhadores precisam realizar uma qualificação. Esta consiste na apresentação de instruções e cerca de 15 tarefas “preparatórias” – e não remuneradas. Disso decorre que a qualificação é o primeiro filtro para a obtenção de renda por meio dessas plataformas. Além disso – e como veremos nas entrevistas – junto às tarefas realizadas normalmente, há aquelas cujo objetivo é avaliar a qualidade do trabalho. Por exemplo: em um conjunto de questões do tipo “esse objeto é um *x*?”, algumas delas servirão ao propósito de inferir a qualidade das outras respostas; e caso o trabalhador erre um determinado número dessas questões, perderá o acesso àquele conjunto de tarefas por um determinado período de tempo – ou seja, será banido. Dessa forma, os gabaritos dessas tarefas de caráter avaliativo são de extremo valor e relevância para os trabalhadores, uma vez que garantem o acesso e a manutenção da sua renda.

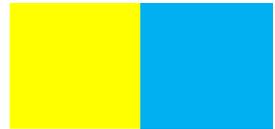
Vemos que cada uma dessas estratégias explicita uma possível “brecha” no modo de organização das sociedades contemporâneas – ou de controle. Em seu famoso pós escrito, Deleuze chama atenção para o fato de que os perigos – ativo e passivo, respectivamente – que correspondem às máquinas informacionais são a pirataria e a interferência. Ora, enquanto o uso de contas falsas e de *bots* (i e ii) pode gerar interferências – no sentido da propagação de ruído – nos processos de aprendizado de máquina, a divulgação de respostas corretas (iii) configura uma forma de pirataria – as informações que a empresa proíbe divulgar são salvas e transmitidas. Soma-se a esses dois um terceiro: o uso de *fakes*.

Entrevistamos em profundidade duas pessoas que trabalharam com o clique durante o período da pandemia de covid-19, Pedro, um homem de 27 anos, e Dora, uma mulher de 24⁴. Naquele período, ambos tinham o ensino superior incompleto e estavam desempregados. Além de suas experiências pessoais, os dois descrevem o modo de operação de um grupo de cerca de vinte outras pessoas do qual faziam parte. Cada entrevista durou cerca de uma hora, foi gravada e transcrita. Nesta seção do artigo destacaremos alguns pontos das entrevistas que tratam: a) das condições de trabalho e b) das estratégias empregadas pelos trabalhadores e pelo grupo.

Pergunta: como você chegou no clique?

P: Tudo começou quando meu amigo Fábio, conhecido de internet de muitos anos, falou “*me dá seu CPF para eu abrir uma conta*”... ele ficou me chamando por muito tempo para trabalhar no click: “cara, por que você não faz isso?”; eu achava que pagava mal, eu achava que era um negócio que pagava... que eu ia trabalhar de verdade, então um trabalho de nove às 17, uma diária comum, e ia receber no final do dia vinte dólares, no máximo. Fiquei negando por um tempão, aí teve um dia que ele me falou “*cara, me dá seu CPF que eu abro uma conta para você e te dou metade do que eu ganho, você não precisa fazer nada, é só me dar o CPF, eu abro tudo no seu nome e faço tudo por você*”. Aí eu falei “tá bom, mas quanto você está ganhando?”, e ele falou “tem mês que varia, mas ontem eu acabei de fazer 150 dólares”. Aí eu fiquei “porra, 150 dólares em um dia, por 10 horas trabalhadas? Eu quero entrar, qual foi, eu uso meu CPF, me ensina”. Aí ele me *mostrou a plataforma, me passou*

⁴ A fim de preservar o anonimato dos entrevistados, os nomes presentes neste artigo são fictícios.



todos os guias que ele tinha criado, ele e os amigos dele que já tinham feito as pesquisas ali, e eu comecei.

Destaca-se o uso de uma das estratégias descritas na seção anterior: Fábio pediu o CPF de Pedro para poder utilizar uma segunda conta na plataforma da Clickworker; o uso de uma segunda conta se mostra vantajosa a ponto dele oferecer a metade dos seus rendimento pelo uso do código do amigo.

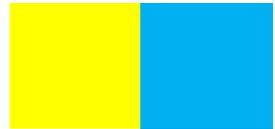
Pergunta: Como eram essas pesquisas?

P: Então, a gente não trabalhava bem, a gente só queria ganhar o máximo possível, só que a plataforma tem um sistema de banir você se ela julgar que você está fazendo um trabalho errado. Só que *a gente foi aprendendo o que bania: tem a tarefa de ficar olhando para vídeo para ver se é pornográfico, e aí eles tinham os próprios guidelines que eles falavam o que você tem que seguir, mas a gente não seguia isso, a gente começou a reparar no quanto a gente conseguia fazer errado até ser punido.* Antes de você classificar na tarefa, você tinha três tentativas para cada, aí as duas primeiras geralmente eram feitas com uma pessoa que ia lá, aí dava a pergunta um e ela anotava tudo da pergunta um, selecionava a resposta que achava que fosse e se não fosse correta normalmente eles [plataforma] diziam qual era a resposta correta no final: “você errou, a correta seria esta aqui”. *Só que isso eram, sei lá, vinte cabeças fazendo isso, todo mundo ia lá “vamos qualificar nessa task aqui, vamos lá”, daí grava tudo, tirava print de tudo, gravava todos os url, fazia todo o esquema para criar um excel com as respostas... inclusive eu acho que eu devo ter salvo no meu computador.* Aí era isso, por exemplo: tinha um que era “isso é uma receita?”, de

comida mesmo, e aí você tinha que clicar no que era comida, só que tem muitas pegadinhas nessas qualificatórias, de vez em quando trocava uma letra e significava outra coisa, ou então a receita estava sem todos os ingredientes, então por isso não era considerada receita de verdade. Então era tipo “a pergunta que aparece um macarrão alho e óleo que está escrita em italiano não é uma receita, porque está em italiano e a gente só julga coisas que estão escritas em inglês”. Isso para qualificar. Além da qualificação tinham os guias para você fazer, porque *a gente foi reparando depois de qualificar que eles não checam todas as suas perguntas, tem uma taxa de acerto no site mas não importa, os que eu mais fazia dinheiro eram as que eu tinha uma taxa de acerto mais baixa, porque eu memorizei quais eram as perguntas que eles checavam se eu estava acertando, e a gente foi descobrindo isso também porque são as perguntas que sempre repetem*. Por exemplo, no da comida, o que está chegando sua taxa de acerto de receita sempre vai ser macarrão alho e óleo e bolonhesa da vovó. Aí é isso, *você vai fazer aquela que você tem certeza que pode fazer o mais rápido possível, errar tudo, mas aí você tem que prestar atenção “ah, apareceu o bolonhesa da vovó, essa aqui eu sei a resposta, vou marcar certo”*.

Pergunta: Então a guia servia para que vocês respondessem certo às perguntas que iam ser avaliadas para que as outras vocês pudessem responder o mais rápido possível?

P: Sim, e aí também tinha a taxa de... outra coisa que agente fez, os *guidelines* deles não são bons, então eles não falam de verdade quanto tempo você precisa esperar para fazer cada respostas, aí tinha as *tasks* que eram a mina de ouro que era o



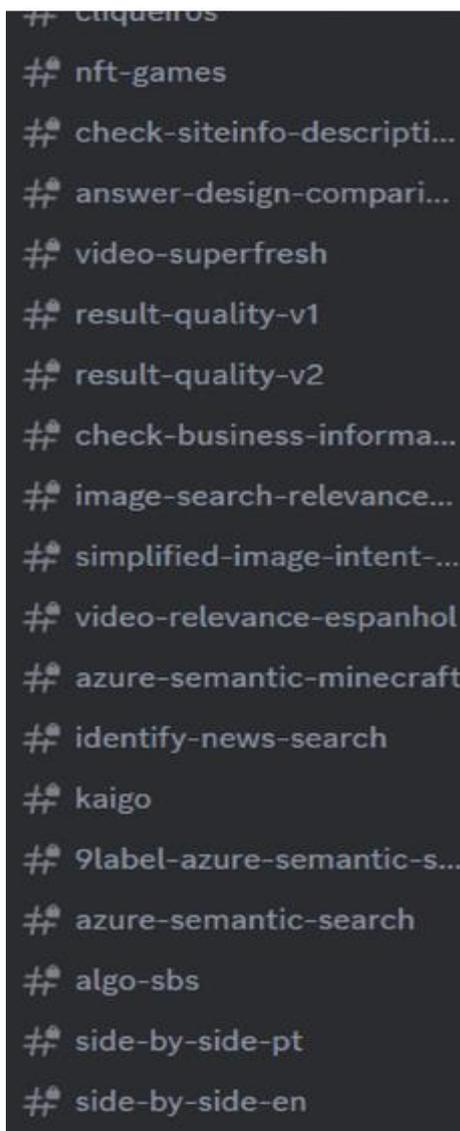
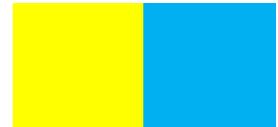
negócio que a cada dois segundos você clicava, mandava e ganhava 4 centavos. Só que a gente não sabia que eram dois segundos, a gente foi descobrindo, tipo, no início a gente fazia 15, aí a gente falou “pô, 15 tá bom”... ah, outra coisa: você pode ser banido três vezes na mesma semana, a terceira vez é *ban* eterno e você perde a *task* para sempre. Então, tá tendo todo dia isso, tá confortável, vamos dizer que eu estou fazendo dez dólares por hora, mas eu não testei essa *task* de verdade, eu não sei se eu posso fazer vinte dólares por hora, aí a gente jogava nossos corpos, cada um ia fazer uma missão suicida diferente: “eu vou testar aqui 6 segundos”; não 6 segundos, vamos dizer, como eu estava fazendo à 15, eu vou diminuir para 13, se 13 passou eu vou para 10, aí vai diminuindo até você... Esse da comida era quatro segundos. A gente fez quatro, tudo funcionou tranquilo, a gente fez três e fomos banidos, aí a gente falou “quatro segundos é o tempo seguro de se fazer”. *Coloca lá o timer ponto fit, que é um site que fica um apito na sua cabeça “pih, pih”, e a cada quatro segundos “pih”, você clica, clica, faz dinheiro, imprime papel.*

Aqui, observamos duas estratégias distintas: a primeira consiste na realização conjunta das tarefas, junto ao registro e à divulgação das respostas entre o grupo. Também notamos que o grupo é capaz de apreender os padrões de repetição da atividade, descobrindo quais são as tarefas avaliativas e quais podem errar sem quaisquer prejuízos para a sua permanência na plataforma. E, segundo, dado que existe um tempo mínimo para a realização de cada tarefa – informação que também é extraída pelos trabalhadores a partir da interação com a plataforma – a resolução *rápida* prevalece em relação àquela que os próprios trabalhadores poderiam julgar ser a *correta*, ao que se soma o uso de um alarme para a administração do tempo.

E como você se comunicava com as outras pessoas que trabalhavam com você?

P: A gente tinha um *discord* com tudo *uppado*, todos os *exceis* com teste, resposta, pergunta, conversava pelo *discord* e pelo *telegram*. Nossos arquivos ficavam todos em um *drive* e o *telegram* era mais tipo: o cara não está no computador, ele saiu para fazer qualquer coisa que as pessoas fazem, e era uma forma de avisar “oh gente, entrou, vem para o computador”. Isso é só uma parte (Figura 1), no final amigo foi chamando amigo e virou 300 grupos. Cada um desses negócios é uma *task* que a gente tem as respostas para elas e também de vez em quando a gente escrevia um guiazinho de como fazer.

Figura 1 – Lista de Tarefas



Fonte: entrevistas (2024)

Pergunta: E qual tipo de tarefa você fazia, você sabe para o quê essas tarefas serviam?

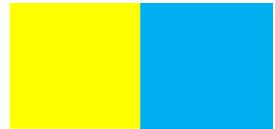
P: Cara, a gente fazia muita identificação de coisas do tipo “isso é receita, isso não é receita”, “isso é pornografia, isso não é pornografia”, “essa pornografia é nos conformes da lei, ou é uma pornografia que tem coisa errada”? E tinha de vídeo, “classifica esse video, o que ele faz”, “esse vídeo é recente”? Essa era um dos mais

famosos, que a gente fez mais dinheiro, que era “esse video é recente?”, daí você tinha que ver o vídeo, a data de lançamento e aí eram duas coisas, a informação era a pergunta, o que você joga no google “eu quero ver Palmeiras contra Santo André”, jogo de futebol você quer ver sempre o mais recente, você não quer ver o P. x S.A. de 2005. Só que aí aparece o vídeo “Palmeiras contra Santo André gravado em 2004 no *roblox*”, daí você tem que ver se é relacionado ou se não é relacionado, se é relacionado, é isso, tem alguma coisa a ver, ou é fora de assunto – se é fora de assunto acabou ali e você não precisa mais julgar. Mas se é relacionado aí você tem que ver: é muito fresco, é mais ou menos fresco, ou é bem velho. Essa era uma das *tasks* que mais tinha, porque a cada duas semanas tinham muitos vídeos que a gente tinha que reclassificar para ver se era fresco. *E sobre o impacto tem uma coisa engraçada, a gente não via muito coisas que a gente realmente fazia, a gente não sabia onde impactava, mas teve uma semana que o ifood fez uma promoção de blackfriday e era tipo “hambúrguer do McDonalds, cinco reais qualquer sanduíche”, aí a foto ao invés de ser um Big Mac ou a logo do McDonalds era tipo “luto, José André, sentirei sua falta”. Aquilo ali eu olhei e fiquei “isso aqui fui eu com certeza, minha legião de retardados”, o mais rápido possível, eu não posso ver se a imagem está certa de verdade, tempo é dinheiro.*

*

Pergunta: Como era trabalhar na Clickworker?

D: Tipo, quando eu ia explicar para as pessoas, para todo mundo entender, eu falava que eu escolhia as respostas que o



Google te dava... apesar de que eu não trabalhava para o *Google*, eu trabalhava para a *Bing*. Era isso que eu falava para todo mundo entender. Eu acho que a gente era um terceirizado da *Bing*... a gente não, a Clickworker. A gente era só o clique.

Pergunta: E como era a sua rotina de trabalho?

D: A gente trocava os horários de vida, acordava às 3 da manhã e ia dormir umas 10, mas não era fixo, poderia durar muito mais, ou muito menos. Às vezes acabava às 4 da manhã, aí todo mundo ficava frustrado... mas às vezes ia até às 13, 14, aí tinha os loucos que ficavam isso tudo. Eu não conseguia não.

Pergunta: Você trabalhava com outras pessoas? Como funcionava isso?

D: Tinham dois grupos, o do *telegram* e o do *discord*... eles eram amigos de amigos. Eu conheci todos eles por causa do Clickworker. Inclusive, a gente já foi na casa de um deles em São Paulo porque a gente realmente virou muito amigo. É impossível não virar amigo, um ano, todo dia conversando...

Pergunta: Esses canais de comunicação que vocês utilizavam eram vinculados à empresa?

D: Não, era por fora... mas tinha o fórum deles, mas não era nem um pouco utilizado. Tinha gente que usava, mas usava muito pouco. Era tipo um “reclame aqui”, mas não ajudava, a gente

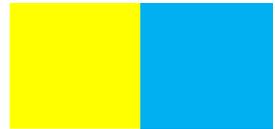
tentava usar até, mas ninguém nunca respondia, ninguém queria ajudar de fato.

Pergunta: Quando vocês perguntavam no fórum quem respondia era alguém da empresa?

D: Acho que eram outros clickworkers, não era ninguém num cargo superior, era um pessoal ali tentando se ajudar. Todas as informações que a gente conseguiu foi sozinho, do tempo que a gente poderia clicar, da porcentagem mínima que a gente poderia ter de acertos, tudo isso a gente foi descobrindo sozinho.

Além dos horários “trocados”, que se devem ao fato da empresa operar no fuso do hemisfério norte, observamos que o contato entre os trabalhadores se dá *paralelamente* ao funcionamento da plataforma. Não é desprezível que exista um fórum para ajuda mútua, mas é certo que este fórum não poderia sediar as comunicações do grupo do qual os entrevistados faziam parte. Outro aspecto do gerenciamento do trabalho, em especial do do tempo e da atenção, que se fez presente nas entrevistas foi o uso de um *bot* para alertar sobre a entrada de novas tarefas na plataforma da Clickworker. Se, por um lado, o uso desse *bot* retira dos trabalhadores o encargo de verificar eles mesmos se há tarefas disponíveis, por outro, não deixa de evidenciar uma disponibilidade quase permanente para o trabalho, tão característica da plataformização. Por fim, cabe destacar que todo o grupo abandonou o trabalho do clique devido à queda do valor da remuneração:

P: Além das *tasks* pararem de durar tanto, elas começaram a pagar menos. Nunca começava a pagar mais... no início, *task* que pagava bem a gente ganhava 12 centavos de dólar, a que pagava na média era 5, mas pagamento por clique não importa muito na nossa cabeça, a gente clica em segundos, a gente está pensando no



pagamento por hora. Se eu faço essa *task* no tempo mínimo que eu consigo, quanto por hora eu consigo fazer? A média era 5 centavos, aí caiu para 4, mas ainda continuamos, aí foi para 3... quando eu parei de usar a plataforma as coisas não pagavam nem 2 centavos direito.

CONCLUSÃO

Enquanto o discurso corrente sobre as ditas inteligências artificiais promove a ideia de que a automatização destituirá o trabalho humano, a produção e a manutenção dessas mesmas tecnologias conta com o trabalho disperso e informal de milhões pessoas. Estas, por sua vez, mostram-se dispostas à elaborar estratégias para garantir a sua renda, dado que o trabalho de clique, realizado da maneira prevista pelas empresas e de acordo com as diretrizes de suas plataformas, dificilmente garantiria a subsistência desses trabalhadores – vide os dados apresentados pelo relatório citado anteriormente. Pudemos destacar 4 dessas estratégias – 3 a partir da literatura consultada e 1 exclusivamente a partir das entrevistas: I) o uso de perfis falsos; II) o uso de *bots*; III) a divulgação de respostas corretas – sobretudo de questões de caráter avaliativo; e IV) a administração do tempo de modo a responder ao máximo de questões o mais rápido possível, em detrimento da qualidade das respostas. Cabe questionar em que medida isso impacta na qualidade das tecnologias desenvolvidas, em especial quando se trata de ferramentas que executam e/ou auxiliam em atividades de caráter cognitivo e mesmo formativo – como no caso do uso de modelos de linguagem por estudantes. Enfim, dada a relevância do trabalho do clique para os rumos da sociedade contemporânea, mediante a presença de algoritmos de aprendizado de máquina em muitas das nossas atividades diárias, devemos criticar o fato dele se configurar de modo tão amador, apontando justamente para práticas que se apoiam mais em tentativas de “burlar as regras do jogo” – a fim de assegurar uma remuneração considerada justa pelas horas trabalhadas – do que a obtenção de bons resultados. O contexto político e econômico no qual se desenvolvem as tecnologias

informacionais se encontram em contradição com o seu pleno desenvolvimento e bom funcionamento.

REFERÊNCIAS

ABILIO, L. C.. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, 18(3). 2019.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. (1985), **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

BRAZ, Matheus Viana. Heteromação e microtrabalho no Brasil. *Sociologias*, [S.L.], v. 23, n. 57, p. 134-172, ago. 2021.

BRAZ, Matheus V.; TUBARO, Paola; CASILLI, Antonio, A. **Microtrabalho no Brasil: quem são os trabalhadores por trás da inteligência artificial?** Relatório de Pesquisa DiPLab & LATRAPs. 2023.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972 - 1990*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

GROHMANN, Rafael; AQUINO, Maria Clara; RODRIGUES, Alison; MATOS, Évilin; GOVARI, Caroline; AMARAL, Adriana. Plataformas de fazendas de cliques: condições de trabalho, materialidades e formas de organização. *Galáxia*, São Paulo, v. 1, n. 47, p. 01-02, jun. 2022.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia**, Vol. 1, Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2005.